

Desconstruindo as biografias apoloéticas: a escolha do brigadeiro Eduardo Gomes, como o candidato à Presidência da República pela UDN, em 1945¹

*Lucas Mateus Vieira de Godoy Stringuetti*²

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir e analisar três biografias, que foram escritas sobre Eduardo Gomes (1896-1981), que são: *Brigadeiro Eduardo Gomes* (1945), de Gastão Pereira da Silva; *O brigadeiro da libertação*, o qual analisamos a segunda edição da obra, publicada em 1946, mas com a primeira edição datada de 1945, de autoria de Paulo Pinheiro Chagas e; *O Brigadeiro. Eduardo Gomes, trajetória de um herói* (2011), de Cosme Denegar Drumond. Nosso intuito é examinar as respectivas biografias com a intenção de desconstruí-las, averiguando pontos de convergências e diferenças, mas tendo como ponto central detectar como se deu a escolha de Eduardo Gomes para ser o candidato à Presidência da República, pela UDN, no ano de 1945, num momento de efervescência política, em que novas eleições estavam ocorrendo, depois de quinze anos de Vargas no governo do Brasil.

Palavras-chave: Eduardo Gomes; tenentismo; biografias; eleições políticas de 1945; UDN.

Abstract: This article aims to discuss and analyze three biographies that were written about Eduardo Gomes (1896-1981), which are: *Brigadeiro Eduardo Gomes* (1945), by Gastão Pereira da Silva; *The Liberation Brigadeiro*, which we analyzed the second edition of the work, published in 1946, but with the first edition dated 1945, authored by Paulo Pinheiro Chagas and; *O Brigadeiro. Eduardo Gomes, Trajectory of a Hero* (2011), by Cosme Denegar Drumond. Our intention is to examine the respective biographies with the intention of deconstructing them, ascertaining points of convergence and differences, but having as its central point to detect how Eduardo Gomes was chosen to be the candidate for the Presidency of the Republic by the UDN, in 1945, at a time of political effervescence, when new elections were taking place, after fifteen years of Vargas in the government of Brazil

Keywords: Eduardo Gomes; Tenentismo; biographies; 1945 political elections; UDN.

Deconstructing apologetic biographies: the choice of Brigadier Eduardo Gomes, as the candidate for the Presidency of the Republic by the UDN, in 1945

¹ O presente artigo é baseado em parte da dissertação de mestrado intitulada *O Brigadeiro Eduardo Gomes: uma análise dos seus discursos políticos (1922-1950)*, defendida em 2018, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), de Assis – SP. Tal pesquisa contou com o auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Doutorando em História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), de Assis. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Mestre em História e Sociedade pela UNESP/Assis. Graduado em História pela UNESP/Assis e graduando em Letras pela mesma instituição.

Introdução

Este artigo constitui parte dos resultados da dissertação de mestrado, denominada *O Brigadeiro Eduardo Gomes: uma análise dos seus discursos políticos (1922-1950)*, defendida em 2018, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), de Assis.

Objetiva-se, nesse texto, discutir e analisar três biografias selecionadas por nós, sobre Eduardo Gomes (1896-1981). Tais biografias são: *Brigadeiro Eduardo Gomes* (1945), de Gastão Pereira da Silva; *O brigadeiro da libertação*, o qual analisamos a segunda edição da obra, publicada em 1946, de autoria de Paulo Pinheiro Chagas e; *O Brigadeiro. Eduardo Gomes, trajetória de um herói* (2011), de Cosme Denegar Drumond.³ Nosso intuito é examinar as respectivas biografias, com a intenção de desconstruí-las, tendo como ponto central destacar como se deu a escolha de Eduardo Gomes para ser o candidato à Presidência da República pela União Democrática Nacional (UDN), em 1945.

Analisando as biografias escritas sobre Eduardo Gomes

Eduardo Gomes (1896-1981) foi um político e militar de destaque no século XX, sendo atualmente o patrono da Força Aérea Brasileira e tendo um passado com grandes participações em movimentos políticos, como, por exemplo: a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, em 1922, no Rio de Janeiro e a Revolta de 1924, em São Paulo, além de ter participado da Revolução de 1930, lutado ao lado do governo Vargas, contra a Revolução de 1932, e combatido a Insurreição Nacional Libertadora de 1935. Gomes também foi candidato à Presidência da República pelo partido da UDN, por duas vezes. A primeira, em 1945, ficando em segundo lugar, sendo derrotado pelo general Eurico Gaspar Dutra, do Partido Social Democrático (PSD), e a segunda, em 1950, ficando novamente em segundo lugar, com a derrota para Getúlio Vargas, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

A primeira biografia, sobre Eduardo Gomes, é denominada, *Brigadeiro Eduardo Gomes* (1945). Seu autor, Gastão Pereira da Silva (1898-1987) é mais conhecido por ter sido o divulgador da Psicanálise no Brasil. Foi também jornalista, médico, biógrafo, psicanalista, pesquisador, teatrólogo e romancista. Nasceu em São José do Norte, Rio Grande do Sul, em 1898, e formou-se em Medicina, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Também foi

³ É importante ressaltar que uma análise das três biografias tratadas aqui, já foi realizada por nós e publicada em 2017, na revista *História, histórias* do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. No entanto, nossa releitura das respectivas biografias aqui discutidas, são diferentes e mais condensadas, além de incorporar outras questões não examinadas anteriormente, como do motivo que se deu a escolha de Eduardo Gomes para ser o candidato à Presidência da República pela UDN, em 1945.

um crítico das normas elitistas da formação em psicanálise e teve grande atuação na imprensa, com passagens em revistas como: *Carioca, Vamos Ler, Dom Casmurro e Seleções Sexuais*. Além disso, foi defensor da liberdade de imprensa e dos direitos humanos, sendo inclusive sócio e Conselheiro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e membro titular da Sociedade Brasileira de Criminologia (SBC) (ESCRITA, 2019).⁴

A obra de Silva (1945), foi publicada em 1945, num momento de grande agitação política no Brasil, marcado pelo fim da ditadura de Vargas e o ressurgimento da democracia, caracterizada pela fundação de novos partidos políticos, como a UDN, que foi o partido do brigadeiro Eduardo Gomes, o PTB e o PSD, o Partido Comunista do Brasil (PCB), o Partido Socialista Brasileiro (PSB), entre outros, e pela realização de eleições. Cabe destacar, também, que os integrantes da futura UDN, contribuíram de maneira efetiva para os acontecimentos que levaram à queda de Getúlio Vargas, em outubro de 1945.

O partido da UDN, surgido oficialmente em 7 de abril de 1945, foi o grande movimento de oposição liberal a Vargas, concentrando nomes como:

Arthur Bernardes, Júlio Prestes, Borges de Medeiros, Prado Kelly, Otávio Mangabeira, Oswaldo Aranha, Adhemar de Barros, Graciliano Ramos, Evaristo de Moraes Filho, Isidoro Dias Lopes, a família Caiado, entre tantos outros, tinham o apoio da Esquerda Democrática e de comunistas dissidentes da linha oficial do PCB – todos, no entanto, com os mesmos anseios políticos: além do fim do Estado Novo e da luta pela democratização do país, nutriam um combate sem tréguas a Vargas (FERREIRA, 2003, p. 20-21).

Em 1945, com o fim das eleições, o brigadeiro Eduardo Gomes, que tinha apoio intenso da imprensa e da mídia empresarial, acabou perdendo para Eurico Gaspar Dutra, do PSD, que obteve 55,3% da votação, enquanto o Brigadeiro conquistou 34,7% (DELGADO, 2003).

Na obra biográfica de Silva (1945), podemos perceber que o escritor, no contexto histórico já ressaltado anteriormente, comenta que escrevera tal obra para informar a população sobre o candidato presidencial Eduardo Gomes, justificando, antecipadamente, que não estava ligado a qualquer corrente político-partidária, sendo somente um escritor militante e profissional das letras, que apenas fabricava seu pão de cada dia.

Escrevo para o povo. Só me sinto ligado realmente ao povo porque faço parte integrante dele e por isto a minha voz pode ser considerada insuspeita.

⁴ Disponível em: http://www.escrita.com.br/leitura.asp?Texto_ID=15385. Acesso em: 05 out. 2019.

Não tenho, outrossim, a mínima aspiração política, não desejo ocupar qualquer cargo. Só desejo, realmente, é que me permitam exercer livremente a minha profissão de escrever, sem compromissos de qualquer espécie, para o povo (Idem, p. 9 -10).

Vemos assim, a preocupação do biógrafo em se colocar como livre de qualquer posicionamento político, até porque escreveu num momento de grandes agitações e mudanças políticas para a época e sobre um candidato à Presidência da República.

O próprio autor (Idem, p. 10) comenta que não fez uma biografia completa de Gomes, devido à “angústia do tempo e da impossibilidade de estabelecer contato direto com o meu biografado sempre arredio e inatingível a qualquer manifestação publicitária”.

Como metodologia e fontes para realizar o seu trabalho, Silva utilizou-se de pesquisas em jornais do passado, colhendo dados por intermédio de pessoas que conviveram com Gomes. Assim, procurou traçar o seu retrato psicológico, já que tem sua formação em Medicina, sendo especialista em psicanálise.

Por meio de uma biografia linear, Silva fez um trabalho em que aborda a trajetória política de Gomes, desde sua participação nos movimentos tenentistas de 1922 e 1924, até sua candidatura à Presidência da República pela UDN, em 1945. Mesmo afirmando, antecipadamente, que não estava ligado a nenhuma corrente político-partidária e que apenas escrevera tal biografia para informar a população sobre o candidato Gomes, o autor realiza uma biografia totalmente apologética. Percebe-se isso, desde o início de sua narrativa, pois tenta criar a imagem de um Gomes muito pobre, tendo uma vida sofrida quando criança. Ao mesmo tempo, o autor constrói a imagem de um Gomes democrático, patriótico e católico, justificando essa imagem por meio de seu contexto familiar.

Com relação a infância de Gomes, assim como a de seus irmãos, sabemos que tiveram uma infância pobre (FGV CPDOC, 2019)⁵, apesar de que o pai desses, Luís Gomes, foi detentor de vastas posses, antes de ter caído numa ruína financeira, e a mãe, Jenny Gomes, era filha de um visconde e bisneta de Nicolau de Campos Vergueiro, importante político do Império. O fato é que Silva exagera na descrição da vida do menino Gomes, sem ao menos ter provas concretas sobre sua vida. Na verdade, o antepassado de seus pais nos prova o contrário, e mesmo não podendo afirmar com toda certeza, seria muito difícil Gomes ter tido uma infância tão sofrida assim. Concomitantemente, o autor compara a história de vida de

⁵ Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gomes-eduardo>>. Acesso em: 11 de maio. 2019.

Gomes com a dos grandes homens, tentando idealizar e heroicizar a imagem do Brigadeiro, em 1945, ano em que esse estava concorrendo à Presidência da República.

Vejamos:

Pobre, como pobres são todos os filhos de intelectuais ou jornalistas, Eduardo Gomes não teve brinquedos.

A realidade dos fatos entrara-lhe pela alma a dentro, ainda muito cedo.

Desse modo, não sofreu a solução de continuidade daqueles que se iludem na infância e conhecem mais tarde todas as tristes e inesperadas crueldades da vida.

Esses, - quando a realidade lhe chega, - as vezes muito tarde, não se conformam com ela. Por isso mesmo dividem sem querer a personalidade.

[...] Se examinarmos as vidas dos grandes homens que tiveram uma educação rígida no lar, que nele sentiram as influências decisivas de uma vontade forte e portanto sem colapsos de qualquer natureza, veremos, sem exceções, que todos eles realizaram os seus ideais, sem perلustrarem por caminhos sinuosos (Idem, 1945, p. 59 – 60).

Dentre os grandes homens que Silva cita e compara a história de vida com a de Gomes, estão Osvaldo Cruz, Louis Pasteur, Joseph Stalin e até mesmo Ludwig von Beethoven, os quais tiveram uma infância complicada, porém se superaram na vida e tornaram-se pessoas conhecidas e de grande importância.

A imagem católica e patriótica de Gomes, também vai sendo construída pouco a pouco pelo autor, a fim de dar embasamento à figura democrática de Gomes, sem ao menos o escritor ter documentos que tratem sobre a vida do Brigadeiro. Por isso, o que está em jogo em sua obra, é uma biografia de caráter apologética, sem nenhuma crítica ou embasamento por meio de fontes. Assim, segundo Silva (Idem, p. 65 - 66):

Católica, em oposição ao marido que depois se tornou ateu, inúmeras discussões entre os dois tinham lugar, colocando porém o pequeno Eduardo ao lado de sua mãe, que lhe tomava sempre a defesa e lhe seguia os passos no caminho das virtudes cristãs.

Assim, se um se voltava para a Igreja, o outro se voltava para a pátria. Entre esses dois altares, entrava em formação a alma de Eduardo Gomes.

Tão patriota era Luiz Gomes que os seus íntimos diziam que ele sacrificava tudo e até mesmo a família quando, para defendê-la, perdia a melhor das oportunidades, desde que esta viesse envolvida por interesses que colidiam com o bem comum. Assim enfrentou privações, apenas porque era um patriota.

Contam mesmo que certa vez abandonara um excelente lugar na secretaria da Marinha, unicamente para poder criticar os atos do governo.

Silva ainda argumenta que o pai de Gomes trouxera ao mundo um “herói nacional” e comenta que, se não fosse sua infância, “crivada de privações, mas iluminada por dois

grandes ideais e hoje talvez, não tivéssemos o homem que o Brasil reclama para dirigir os seus altos destinos” (Idem, p.67). Cabe aqui uma pergunta. Se realmente o Brasil reivindicava o nome do Brigadeiro para dirigi-lo, por que então Gomes não venceu as eleições de 1945 e 1950 pela UDN?

Fica claro, que o autor, em um contexto histórico agitado e de mudanças no cenário político, como foi o ano de 1945, tentava criar a imagem de um Brigadeiro pobre, que teve a influência de seus pais em sua personalidade, que era um “herói nacional” e que foi um menino inteligente e exemplar, de grande raridade, como os grandes homens. A construção da identidade de um menino exemplar e diferente dos demais, é ainda mais justificada pela seguinte passagem da obra de Silva (Idem, p. 68):

O menino Eduardo Gomes, acordava cedo, muito antes de seus pais. Seus brinquedos prediletos sempre foram os livros de gravuras. Mas, a sua característica principal, é que ele não falava muito. Era uma criança ensimesmada, vivendo dentro de si mesma, e nunca folheando os seus livros de gravura, perguntava ou pedia explicações insistentes como acontece com a maioria das crianças. Não tinha a curiosidade infantil exagerada. Era como se compreendesse precocemente a verdade das coisas que via.

Ao analisarmos a visão política de Silva sobre o Movimento Tenentista, iniciado em 1922, podemos notar que o autor classifica Gomes como uma daquelas pessoas que tem uma história de vida que pode servir de exemplo para as futuras gerações. Para o biógrafo, na Revolução Tenentista de 1922, Gomes realizou um ato de defesa da democracia e dos princípios eternos de liberdade.

Nessa afirmação, fica claro que o autor enaltece o Movimento Tenentista, em que Gomes participou, colocando-o num nível heroico e idealizador, classificando-o como um movimento patriótico e corajoso, dos quais seus participantes estavam lutando pela liberdade da Nação.

Fica claro, segundo nossas análises, que Silva realizou um exame positivo do Movimento Tenentista e da tentativa de tomada do Forte de Copacabana, caracterizando-o como uma insurreição que lutou pela liberdade do País; uma sublevação democrática e patriótica, e que segundo o autor (Idem, p. 32):

No cenário nacional, aparecia a figura de Eduardo Gomes. Começou lutando pela liberdade. Deu seu sangue pela liberdade. E pela liberdade lutaria sempre nos instantes em que o Brasil necessitasse da coragem e do desprendimento de homens de sua fibra. A sua história começa aqui.

Para Silva, a história de Eduardo Gomes na vida política, levando em nome os ideais do País, começava em 1922 e seguiria até a data de sua morte, em 1981.

Segundo o biógrafo (Idem, p. 36), “foi Eduardo Gomes quem, na nossa história, pilotou pela primeira vez, um avião em serviço de guerra, deixando cair de grande altura milhares de boletins revolucionários”. Tal afirmação é mais uma vez apologética, com a intenção de enaltecer o passado de Gomes, pois como sabemos, em contexto mundial, o avião foi colocado como arma de guerra, pela primeira vez, em 1911, em um conflito entre a Itália e a Turquia. Assim, missões de reconhecimento foram realizadas em 23 de outubro de 1911, de bombardeio, em 01 de novembro do mesmo ano, e de fotografia aérea, em 1912, tendo como figura de destaque da aviação italiana nessas missões, o capitão Carlo Piazza.

Com relação ao Brasil, foi o tenente Ricardo João Kirk (1874-1915), nascido em Campos dos Goytacazes e falecido no Paraná, o primeiro oficial do Exército Brasileiro a aprender a pilotar aviões. Inclusive, ao ter início a Guerra do Contestado (1912-1916), na divisa do Paraná com Santa Catarina, coube ao tenente Kirk, que na época havia sido convocado pelo general Fernando Setembrino de Carvalho, em 16 de setembro de 1914, a conduzir pela primeira vez, num serviço de guerra, operações aéreas em apoio às operações terrestres, tendo executado missões de reconhecimento (RESERVAER.COM.BR, 2019).⁶

Ao descrever, politicamente, Gomes como candidato à Presidência da República pela UDN, Silva caracterizou a personagem como um verdadeiro democrata e também como um homem desapegado aos costumes soberbos da sociedade, sendo desinteressado pelo exibicionismo e pelo fausto, assumindo-se, também, como um homem totalmente católico, gostando de assistir suas missas aos domingos, ao lado de sua mãe.

Ao longo da leitura da obra, percebemos que o escritor procura manter a imagem positiva inicial, que havia descrito sobre Gomes e, ainda por cima, declara-se favorável ao Brigadeiro, dizendo que ele seria o melhor candidato a ganhar as eleições para à Presidência da República daquele ano. Nessa argumentação, fica clara o posicionamento do autor, pois se de início ele diz que procura realizar uma biografia sem caráter partidário, durante seu texto ele se contradiz e passa a apoiar o Brigadeiro.

Enaltecendo Gomes, Silva destaca a rotina de vida do candidato, como sendo simples e próxima das massas, compartilhando de seu ritmo, a fim de que soubesse dos problemas que o Brasil passava, de uma forma diretamente ligada ao povo. Sempre caracterizando Gomes como um verdadeiro democrata, o autor o classifica também como um “herói”, o qual

⁶ Disponível em: <www.reservaer.com.br/est-militares/aviao-contestado.html>. Acesso em: 12 de out. de 2019.

derramou sangue, diversas vezes, pela abolição da escravatura política brasileira, e que só poderia pensar em liberdade, liberdade esta que o Brasil necessitava.

A segunda biografia analisada é *O brigadeiro da libertação* (1946), de Paulo Pinheiro Chagas, que nasceu em 1º de setembro de 1906, em Oliveira (MG), falecendo em Belo Horizonte, em 12 de abril de 1983. Chagas participou da Revolução de 1930 e, no mesmo ano, concluiu o curso de Medicina, passando a exercer a profissão na capital mineira. Ingressou na vida política ao se filiar no Partido Republicano Mineiro (PRM). Em 1932, durante a Revolução Constitucionalista de São Paulo, foi preso. Também foi um dos fundadores, em 1945, da UDN, finalizando sua trajetória política em janeiro de 1971 (FGV CPDOC, 2019).⁷

Chagas realiza uma biografia mais completa do que a de Silva (1945), narrando a vida de Gomes desde sua infância, até a sua candidatura à Presidência da República pela UDN, em 1945. No entanto, não deixa de ser uma biografia apologética.

Analisando o Movimento Tenentista, em 1922, sob a ótica do autor, percebemos que Chagas engradece o mesmo, afirmando que os Dezoito do Forte de Copacabana se tornou uma lenda do Brasil e o 5 de julho passou a ser uma data do povo e um título da Nação Brasileira. Nesse sentido, o autor também enaltece Gomes, colocando o personagem como “herói” do Movimento.

Com relação a candidatura à Presidência da República de Gomes, pela UDN, em 1945, Chagas, diferentemente do trabalho de Silva (1945), desde o início, assume sua posição favorável à candidatura do Brigadeiro, tanto é que escreve a biografia, justamente, a fim de demonstrar seu apoio ao candidato da UDN:

Quando escrevemos este ensaio, consideramos como assunto de relativa importância a possibilidade de ver o Brigadeiro na presidência da República. Pelo contrário, o fato nos trazia um compreensível constrangimento, tolhendo-nos a espontaneidade de estudo. O que nos seduzia em Eduardo era o próprio Eduardo, com seus paradoxos e sua coerência. Era o herói de cabeça fria, com seu claro idealismo. Era o “tenente”, fazendo à pátria o sacrifício de sua mocidade e tornando-se, num dado momento, o líder natural do povo em sua luta contra o despotismo. Era o político, a criar um clima de redenção nacional para repor o país em sua tradição democrática. Era, em suma, o Brigadeiro da libertação (Idem, 1946, p. 5 – 6).

⁷ Disponível em: < http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/paulo_pinheiro_chagas>. Acesso em: 15 de out. 2019.

Para realizar seu trabalho, Chagas utilizou documentos e livros, alguns referidos no texto, bem como em palestras com várias pessoas conhecedoras da vida de Gomes, como:

[...] a viúva Dionísio Cerqueira, coronel Francisco Pereira da Silva e esposa, dr. Luiz de Menezes, coronel Euclides Hermes da Fonseca, brigadeiro Ivo Borges, coronel Juarez Távora, coronel Tasso Tinoco, capitão Castro Afilhado, Frei Pedro Secondi, capitão Hermes Ernesto da Fonseca, dr. Carlos da Silva Costa, dr. Claudio Ganns e sr. José da Costa Matos (CHAGAS, 1946, p. 240).

Temos que ressaltar que o autor apoiou Gomes em sua candidatura, realizando uma biografia favorável a ele, tendo sido um dos fundadores da UDN, como descrito acima. Estes fatores demonstram sua ligação não só com o candidato, mas também com o partido político, nos dando uma noção clara de um trabalho biográfico de porte panfletário e favorável à UDN no ano das eleições em 1945.

Chagas (Idem, p. 209) comenta que na vontade “[...] de sobreviver, a ditadura devotara-se à faina sinistra de corromper o sentimento cívico da nação, tudo destruindo, com método, sistematicamente”. Deste modo, entre as instituições que haviam se mantido de pé e que se fizeram respeitar, figuravam as Forças Armadas. Assim, o candidato a ser escolhido para disputar à Presidência da República, em 1945, só podia sair de suas raízes, pois para o autor, as Forças Armadas estavam acima de qualquer vício de regionalismo e de interesse partidário. Fazia-se preciso, também, que o militar escolhido fosse um nome impoluto, de tradição democrática, que o credenciasse pela opinião civil, e nada melhor do que o Gomes, que segundo o autor, reunia as qualidades exigidas.

Argumentando sobre a política do Brigadeiro, nas eleições de 1945, Chagas (Idem, p. 235) destaca que o jeito de fazer política de Gomes seria a do homem nacional, de um verdadeiro democrata, da opinião civil e do livre debate, longe da política do homem de partido.

Para o autor:

Sua política está, assim, definida no primado das forças morais. Não há de ser a política do homem de partido, diminuído pelo espírito de facção: será a política do homem nacional, talhado para grandes destinos. Não há de ser a política, que se impregnou de uma violenta ambição de domínio: será a política da opinião civil. Não há de ser a política do absolutismo, que institui a corrupção em princípio e o crime em sistema: será a política do livre debate, a política do comportamento jurídico, a sábia política da democracia.

A terceira biografia, denominada *O Brigadeiro. Eduardo Gomes, trajetória de um herói* (2011), foi realizada por Cosme Degenar Drumond. O autor nasceu em 1947, no Rio de Janeiro, tendo falecido recentemente, em 2018. Iniciou sua carreira profissional, em 1974, como redator-revisor concursado do Ministério da Aeronáutica. Integrou a equipe que organizou e inaugurou o Museu Aeroespacial da Força Aérea Brasileira, em Campo dos Afonsos (RJ). Também foi técnico em assuntos culturais pelo Museu Histórico Nacional e, como jornalista, especializou-se no segmento de Defesa (Idem).

A obra foi escrita por Drumond, depois de um longo período histórico da publicação das últimas biografias sobre Gomes, feitas na década de 1940. Este fato pode ser visto como favorável ao escritor, pois, com o passar dos anos, documentos a respeito da personagem vieram a público, assim a pesquisa biográfica poderia ser realizada de forma mais densa e completa do que as outras. Entretanto, o autor mesmo tendo acesso a mais documentos e mesmo tendo explorado o período todo da vida de Gomes, não consegue investigar outras facetas do Brigadeiro. Assim, manteve a mesma imagem heroica e grandiosa deste, que as biografias anteriores já buscaram retratar.

Segundo Drumond, a ideia de lançar uma biografia a respeito de Gomes surgiu pela falta de estudos sobre a personagem, por ter sido uma figura importante no cenário brasileiro do século XX e que estava esquecido pelos biógrafos. Além disso, o trabalho foi pensado pela importância do vulto retratado, pela aproximação da data dos 80 anos de criação do Correio Aéreo Nacional e dos 70 anos de fundação da Aeronáutica Militar, que seriam comemorados em 2011. Assim, pela falta de uma biografia recente do Patrono da Força Aérea Brasileira, o projeto foi considerado oportuno e recebeu diversos investimentos de empresas e instituições.

Para realizar seu trabalho, Drumond baseou-se em informações dos registros de época, na imprensa, em depoimentos e entrevistas de contemporâneos do biografado, bem como em documentos de arquivos públicos.

Ao atentar-se para o Movimento Tenentista da década de 1920, Drumond comenta que, durante muito tempo, o Tenentismo exaltaria Gomes como uma de suas figuras mais notáveis, sendo que “esse movimento tampouco pretendia revolucionar a sociedade, mas clamar a atenção do governo para as mazelas sociais e exigir mudanças que tornassem o país mais justo” (Idem, p. 75).

Com relação ao perfil político de Gomes, na eleição presidencial de 1945, o biógrafo o classifica, do mesmo modo que os outros autores, como sendo um grande democrata e combatente dos extremos, tanto das políticas de direita como das de esquerda. No que diz

respeito às eleições de 1950, ano em que Gomes foi, novamente, candidato à Presidência da República, pela UDN, Drumond também comenta que a personagem foi um defensor da democracia, da liberdade individual e da justiça social.

Drumond, do mesmo modo que os outros dois autores supracitados, realiza uma biografia que enaltece Gomes. Percebemos isso, quando o autor (Idem, p. 23) comenta, no início de sua biografia, que o Brigadeiro foi “[...] o grande, senão o maior, revolucionário da história político-militar do Brasil no século XX”. No final do livro, o escritor também chega à conclusão de que Gomes foi um mito, desses que surgem raramente.

Como nasce um mito? No meu entendimento, decorre de senso de liderança, de virtudes, de ideais nobres, de causas justas – explicação simplória, é certo, mas o fato é que, na figura de Eduardo Gomes, vamos encontrar todas essas qualidades juntas. O mito nasce forjado por circunstâncias de sua época. Segundo os historiadores, nessas ocasiões é que aparecem os paladinos, os heróis, as lendas. Para muitos, Eduardo Gomes foi um mito. Sua história de vida é bonita, cativante, exemplar, como a dos grandes homens (Idem, p. 342).

Ainda, para Drumond, o Brigadeiro foi um homem de personalidade forte, um autêntico patriota e cristão, sempre seguindo o caminho da integridade e da honestidade, o qual participou do Tenentismo sem jamais se vangloriar disso.

A escolha de Eduardo Gomes como candidato à Presidência da República, em 1945

Diante das análises biográficas supracitadas, cabe indagarmos qual foi o real motivo da escolha de Gomes, para ser o candidato à Presidência da República pela UDN, em 1945? Tal questionamento é importante, uma vez que existiam outras figuras políticas de destaque nacional e o Brigadeiro nunca havia disputado nenhuma eleição antes.

Na biografia de Silva (1945), percebemos, segundo a narrativa do autor, que a escolha do Brigadeiro, como candidato da UDN, em 1945, se deve a seus princípios democráticos demonstrados ao longo do tempo e a sua imagem de “herói” perante o acontecimento dos Dezoito do Forte de Copacabana, ocorrido em 1922.

Para Chagas (1946), a ditadura de Vargas corrompeu o sentimento cívico da Nação. Assim, entre as poucas instituições que haviam restado e que se faziam respeitar, estavam as Forças Armadas. Então, o nome procurado para ser o candidato da UDN, em 1945, só poderia sair dali, pois, segundo Chagas (Idem, p. 209) devido “[...] ao seu próprio caráter de instituição nacional, as Forças Armadas estavam acima de qualquer eiva de regionalismo ou de interesse partidário”.

Para Chagas (Idem, p. 210), era “[...] preciso que o militar escolhido fosse um nome impoluto, de larga tradição democrática, que o credenciasse perante a oposição civil. E a Resistência se fixou no brigadeiro Eduardo Gomes, que reunia as qualidades exigidas”.

Já para Drumond (2011, p. 161), a UDN queria “[...] lançar um candidato capaz de abalar a ditadura e resgatar a democracia no país. Eduardo Gomes tinha uma história de bravura e de amor do Brasil”. Por isso, na avaliação da UDN, segundo Drumond, o Brigadeiro era o nome ideal para sair candidato pelo Partido.

No entanto, cabe mais alguns questionamentos. Será que Gomes foi escolhido candidato à Presidência da República pela UDN devido a esses fatores, isto é, por ter uma larga tradição democrática, sendo o “herói” dos Dezoito do Forte de Copacabana e um militar relacionado as Forças Armadas? Acreditamos que tais justificativas, mesmo que importantes, não são tão relevantes quanto ao momento histórico que o Brasil vivenciava, em 1945, com Vargas na presidência por 15 anos, tendo participado de dois golpes de Estado, ou seja, de 1930 e 1937, e sendo uma figura política de grande destaque nacional, gozando de simpatia popular. Era preciso que o candidato escolhido para concorrer à Presidência da República, contra o governo Vargas, tivesse um grande apoio dos meios políticos e fosse, de certa forma, uma figura representativa.

Ao analisarmos as três biografias sobre Gomes, observamos que seus autores, em nenhum momento, comentam que a escolha do Brigadeiro para disputar à Presidência da República pela UDN, em 1945, deveu-se também à essa relação da personagem com os estadunidenses, o que nos causa um certo estranhamento. Para isso, se nos atentarmos ao momento histórico do início da década de 1940, no Brasil, veremos a relação que Gomes tinha com os Estados Unidos e seu grau de importância para o Brasil.

Em 1941, com a Segunda Guerra Mundial em andamento, e com a ocupação do Norte da África pelas forças do Eixo, os Estados Unidos passaram a se interessar pela utilização de bases aéreas e navais no Território Brasileiro. Mesmo que os dois países ainda não tivessem entrado na Guerra, foi decidido a construção e o equipamento de bases aéreas no Norte e no Nordeste do Brasil com o objetivo de aparelhar uma rota aérea até a África – a rota de Dacar, que era destinada a levar recursos para as forças aliadas (tal rota, mais tarde ficou conhecida como Corredor da Vitória, sendo essencial para o desencadeamento da Campanha da Itália, nos dois anos seguintes).

Em dezembro de 1941, Gomes foi promovido a brigadeiro-do-ar e nomeado, em seguida, comandante da I e II zonas aéreas (ZA), com sede em Belém e Recife,

respectivamente. Ao se transferir para a capital pernambucana, teve início a construção das bases aéreas, na época as maiores do mundo, com a ajuda de grandes recursos dos Estados Unidos. Alguns dias antes de deixar o comando da I ZA, em janeiro de 1942, Gomes foi nomeado chefe da Diretoria de Rotas Aéreas, que tinha acabado de ser criada. Acumulando a chefia da Diretoria de Rotas Aéreas com o comando da II ZA, no início de 1942, viajou aos Estados Unidos, a convite do governo de lá, o qual foi recebido com excepcionais honras. (FGV CPDOC, 2019).⁸

Essa boa relação entre Gomes e os Estados Unidos, havia acabado de começar, tanto é que, em 1942, estando nos Estados Unidos, o Brigadeiro conheceu de perto o *Lend Lease Act* (Lei de Empréstimo e Arrendamento), de 11 de março de 1941, que correspondia a uma lei autorizando o governo dos Estados Unidos a vender, transferir, arrendar ou emprestar qualquer material de defesa ou informação, para qualquer país que tivesse sua defesa considerada essencial, pelo Presidente, à defesa dos Estados Unidos. As condições para a transferência seriam aquelas consideradas satisfatórias e o seu pagamento poderia ser por meio de qualquer benefício direto ou indireto julgado adequado pelo Presidente. Assim, entre 11 de março de 1941 e 30 de setembro de 1946, foram transferidos bens e serviços no valor total de 50,7 bilhões de dólares, sendo seus principais beneficiários o Império britânico (31,4 bilhões), a União Soviética (11,3 bilhões), a França (3,2 bilhões), a China (1,6 bilhão) e o Brasil (332 milhões). Cabe destacar que as Forças Armadas Brasileiras tiveram um grande ganho de material bélico com esse acordo, além de uma notável influência dos Estados Unidos, havendo o início de uma colaboração militar entre os dois países (FGV CPDOC, 2019).⁹

Diante desse contexto histórico, o Brigadeiro foi convidado, em 1943, pelos generais estadunidenses, Dwight Eisenhower (1890-1969) e Mark Clark (1896-1984), para realizar uma visita às Forças Aliadas no Norte da África. Neste momento, Gomes escapou da morte, pois quando iria embarcar, atrasou-se por causa de um compromisso de surpresa, perdendo o avião do Exército dos EUA que o levaria ao Continente Africano. Após esse acidente, Gomes viajou para a África em outro avião militar daquele país e recebeu a informação, horas depois, pelo comandante da base aérea estadunidense, em Dacar, major Potts, que o avião, no qual deveria ter embarcado, havia desaparecido no Atlântico (DRUMOND, 2011).

⁸ Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gomes-eduardo>>. Acesso em: 16 de out. de 2019.

⁹ Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lend-lease-act>. Acesso em: 17 de out. de 2019.

Ao voltar para seu posto, em Recife, o Brigadeiro apoiou a invasão da Sicília. Ocorrida em 10 de julho de 1943, este foi um conflito, durante a Segunda Guerra Mundial, no qual as potências ocidentais tomaram a Sicília das forças do Eixo. Por sua colaboração, Gomes recebeu, em 23 de agosto do mesmo ano, a medalha da Legião do Mérito dos Estados Unidos da América. É importante ressaltar, que nesse período, a Força Aérea Brasileira (FAB) passou por uma intensa transformação e evolução em seus conceitos táticos e estratégicos, com grandes melhorias em tecnologias de radar e técnicas de voo noturno. Foi por iniciativa de Gomes que foi implantada, no País, uma rede de controle e de defesa aérea, beneficiando toda a aviação brasileira e iniciando as primeiras áreas de operação no Nordeste, que ficaria conhecida, depois, como Sistema de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (SISDACTA) (DRUMOND, 2011).

Além disso, teve início o estágio dos pilotos na unidade de instrução, chamada USBATU (United States Brazilian Air Training Unit). Esta unidade tinha como objetivo preparar pilotos da FAB para um grupo de aviões Ventura, em missões antissubmarino. Ao grupo de Venturas, coube a missão inicial de realizar o patrulhamento de parte da Costa Brasileira, junto com os estadunidenses. Por desempenhar muito bem a missão, o grupo foi substituindo, gradativamente, os esquadrões americanos. O USBATU era sediado em Recife, sede da 2ª ZA, e do Comando Naval Americano.¹⁰

Após estagiarem no USBATU, os pilotos brasileiros foram mandados aos Estados Unidos, a fim de realizarem outros cursos, sendo que Gomes foi o responsável por selecionar os homens que deveriam ir treinar nos Estados Unidos, muitos dos quais eram experientes pilotos do Correio Aéreo Nacional. Coube a Gomes, também, a indicação de oficiais de Estado-Maior, os capelães da Aeronáutica e os pilotos em sua área para constituir o esquadrão de caça. Gomes também ficou incumbido, através de conversa com o Ministro da Aeronáutica, da responsabilidade de abrir e conduzir o pessoal voluntário, no Nordeste, para a formação do grupo expedicionário, o qual estava ligado à participação da FAB na campanha aliada. Houve tal acontecimento, pois em outubro de 1944, o coronel James Selser, adido militar da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, ficou encarregado do diálogo final da participação da FAB na campanha aliada, porém ainda não se sabia onde os brasileiros atuariam, se na Europa ou na África, por isso, a conversa entre os americanos e brasileiros havia iniciado (DRUMOND, 2011).

¹⁰ Disponível em: <http://www.reservaeer.com.br/vocesabia/texto.php?pSerial=46>. Acesso em: 17 de out. de 2019.

Outra informação importante, relacionada a boa relação do Brigadeiro com os Estados Unidos, no argumento da escolha de Gomes a sua candidatura pela UDN, é dado por Chagas (1946), ao afirmar que:

Foi o brigadeiro Eduardo Gomes quem criou o clima de bom entendimento que presidiu às relações entre soldados brasileiros e norte-americanos, sediados nas bases aéreas do nordeste. Sua sinceridade e sua decidida formação democrática destruíram o ambiente de prevenções, reinante em Natal, onde, antes de chegar Eduardo, haviam os americanos conhecido a sabotagem de elementos nazi-fascistas.

Sem embargo, sua política girou em torno do pensamento de organizar a defesa com tropas brasileiras. Devotado e leal amigo dos americanos, pioneiro da aproximação do Brasil com os Estados Unidos, nunca se esqueceu, porém, de zelar pelo mais religioso respeito à soberania nacional. Nesse sentido, suas atitudes foram decisivas.

De resto, os oficiais americanos cedo se habituaram a estimá-lo. E a respeitá-lo. Não ignoravam possuir em Eduardo um sincero aliado na luta contra o Eixo. Sabiam da “guerra particular do brigadeiro contra Hitler” (Idem, p. 180-181).

Ao afirmar que Gomes havia declarado sua guerra particular contra Hitler, Chagas justifica sua afirmação, com relação aos sete prováveis navios mercantes brasileiros que já haviam sido torpedeados, muito provavelmente por submersíveis alemães (FGV, CPDOC, 2019).¹¹

Deste modo, para Chagas, muito antes de o Brasil ter declarado oficialmente sua guerra contra o Eixo (22/08/1942) e antes do ataque dos prováveis submersíveis alemães aos navios mercantes brasileiros, além do transporte aéreo de homens e material, patrulhamento do litoral, coberturas aéreas e comboio de navios mercantes, o Brigadeiro teria sido responsável pelo ataque de aviões brasileiros a submarinos do Eixo.

O primeiro ataque da FAB, realizado em 22 de maio de 1942, entre o arquipélago de Fernando de Noronha e as ilhas Rocas, por militares brasileiros e estadunidenses, foi comemorado pelo presidente Franklin Roosevelt, o qual, inclusive, enviou um telegrama de congratulações ao Governo Brasileiro. No dia seguinte, foi estabelecido um acordo de cooperação entre as forças armadas dos dois países, resultando na criação de uma Comissão Mista de Defesa Brasil-Estados Unidos, para o estudo dos problemas que diziam respeito com a defesa comum. No entanto, Gomes se opôs a esse acordo, pois não concordava que essas bases fossem administradas por uma comissão mista, ficando acima da soberania nacional.

¹¹ Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gomes-eduardo>. Acesso em: 21 de out. de 2019.

Por causa de sua resistência, esse acordo não se realizou, apesar das pressões do vice almirante estadunidense, Jonas Howard Ingraw (FGV, CPDOC, 2019).¹²

Fica claro então, que o Brigadeiro tinha uma ótima relação com os militares dos Estados Unidos. Assim, consideramos essa questão como umas das justificativas de sua escolha como candidato à Presidência da República pela UDN, em 1945. No entanto, precisamos entender melhor essa questão e compreender outras justificativas importantes de sua escolha pela UDN.

Em um relatório importante que tivemos acesso, datado de 04 de novembro de 1944, um ano antes do resultado das eleições de 1945, sem autoria, enviado ao chefe de polícia do Distrito Federal, na época, Coriolano de Araújo Gois Filho, percebemos que o indivíduo que escreveu o Relatório, cita informações importantes de um jornalista, chamado Vitor do Espírito Santo, sobre a futura escolha do Brigadeiro como candidato à Presidência da República pela UDN, em 1945. Segundo o informante, havia acabado de chegar de uma viagem do Nordeste do País, o jornalista Vitor do Espírito Santo, que entre os anos de 1935 – 1936, foi diretor de *O Jornal*, dos *Diários Associados* e que embarcou para a Bahia, fundando e dirigindo lá um jornal de propriedade do interventor Juracy Magalhães. Depois do 10 de novembro, quando foi extinta a circulação do jornal, o jornalista regressou ao Rio de Janeiro, continuando a manter íntimo contato com Juracy Magalhães, o qual, em 1944, era major do quadro do Estado – Major do Exército, destacado naquele momento, no Nordeste, onde exercia comando, também, o major-brigadeiro Eduardo Gomes, sendo que estavam formando um movimento político-militar contra o presidente Vargas. Segundo consta no Relatório, o jornalista Vitor do Espírito Santo havia contado, em numerosas conversações, que foi autorizado a estabelecer, no Rio, a seguinte notícia:

[...] o major brigadeiro Eduardo Gomes, em reunião havida no Nordeste, nestes últimos dias, na qual tornaram parte elementos militares e civis, haver acedido ao lançamento de sua candidatura, dele, major-brigadeiro, á Presidência da República – contra o sr. Getúlio Vargas, “contra”, porque, no exame a que foi submetida a situação do país, a oposição chegou à conclusão de que o Presidente Vargas pretende fazer-se candidato, aliás confirmado o que já amplamente disse seus amigos e correligionários, o sr. Oswaldo Aranha, ex-Ministro do Exterior (CPDOC, Arquivo Getúlio Vargas – Correspondência, nov. de 1944, p. 1-2, grifo do autor).

¹² Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gomes-eduardo>. Acesso em: 21 de out. de 2019.

Essa informação, dada pelo jornalista Vitor do Espírito Santo, e publicada pelo informante do Relatório, confirmava a candidatura do Brigadeiro, que ocorreu pouco tempo depois. Além disso, o Relatório afirmava que a candidatura de Gomes serviria a uma dupla finalidade, com fins eleitorais e fins revolucionários, pois se houvesse eleições, o Brigadeiro serviria como candidato de todas as oposições coligadas (Arquivo Getúlio Vargas – Correspondência, nov. de 1944, p. 2).

O Relatório, também, confirma o que viria a ocorrer no ano seguinte, isto é, que Gomes seria o candidato de todas as oposições coligadas ao menos da oposição liberal conservadora. Nesse sentido, é importante ressaltar que, em 1945, a UDN teve, no início de sua fundação, o apoio de inúmeros políticos importantes, tanto da esquerda socialista, muitos deles do PSB, quanto de direita, inclusive de partidos como a União Democrática Socialista (UDS) e a Esquerda Democrática (ED). Sobre a afirmação de que o Brigadeiro seria o chefe de uma revolução fatal, caso não houvesse eleições ou houvesse a posse ilegal de Vargas, não temos como confirmar, porém cabe ressaltar que isso não seria muito difícil de ocorrer, pois como sabemos, Gomes participou de inúmeros movimentos revolucionários que visavam uma reformulação no Brasil, como o Movimento Tenentista de 1922 e 1924 e a Revolução de 1930, sendo ainda contrário aos levantes causados pelos revolucionários de 1932, pela Insurreição Nacional-Libertadora de 1935 e ao golpe de Estado de 1937, sem contar ainda sua participação efetiva, no início da década de 1940, como comandante das I e II zonas aéreas no Brasil e seu possível envolvimento no ataque de aviões brasileiros a submarinos do Eixo, também na década de 1940, como já dito acima.

Gomes tinha nome, respeito e a experiência necessária para organizar mais uma revolução, sem contar que já era o momento de Vargas deixar o Governo, pois havia quinze anos que era Presidente do Brasil, participando, inclusive, de dois golpes de Estado. Concomitantemente, o Relatório ainda afirma mais indícios de que uma revolução encabeçada por Gomes poderia ser possível. Vejamos:

[...] Se V. Ex. bem se recorda, eu tinha informado, em meu relatório anterior, que, há poucos anos atrás, depois do golpe de Estado de 10 de novembro, o major-brigadeiro Eduardo Gomes, servindo-se de conduto de um cunhado do sr. Armando de Sales Oliveira, tentara aliciar chefes militares a uma conspiração contra o regime e o Presidente, declarando, na ocasião, poder contar com elementos materiais imponentes (CPDOC, Arquivo Getúlio Vargas – Correspondência, nov. de 1944, p. 2).

Além disso, consta no documento como se deu a escolha de Gomes como candidato à Presidência da República pela UDN, em 1945, bem como confirma nossa hipótese da boa relação que o Brigadeiro tinha com os Estados Unidos.

[...] Coincidindo o que o jornalista Vitor do Espírito Santo contou com rumores outros que vinham circulando, de há quatros dias a esta parte, pode ter-se como certo que as oposições políticas, no Brasil, encontraram, depois de afanosas sondagens, o elemento conveniente, pelos seguintes motivos:
a) a legenda de heroísmo e idealismo do candidato, único sobrevivente dos 18 do Forte de Copacabana; b) contar, como, de fato, conta, com setenta por cento, pelo menos, de toda a força do ar do Brasil; c) é católico praticante, portanto invulnerável á contra propaganda com base revolucionaria, ou melhor, com base em alegação de contagiado por elementos vermelhos, a quem, aliás, combateu em 1935; d) contar – como dizem que conta – com larga simpatia e mesmo, prestígio, entre as forças americanas, não somente as que se encontram no Brasil e, por consequência, com intimas ligações nos Estados Unidos, com o que se cobrirá de qualquer repressão violenta (CPDOC, Arquivo Getúlio Vargas – Correspondência, nov. de 1944, p. 2, grifo do autor).

Deste modo, não podemos afirmar que a escolha de Gomes, como candidato à Presidência da República, pela UDN, foi uma escolha aleatória, mas sim uma escolha demorada, pensada e analisada, observando todos os elementos possíveis que um candidato poderia ter para ser capaz de disputar uma eleição, quando a imagem de Vargas ainda era o grande destaque nacional. Para Nabuco (1962), em uma biografia sobre Virgílio de Melo Franco, Gomes aparecia como “[...] um líder, com nome capaz de empolgar a opinião pública” (1962, p. 159).

Era necessário que o candidato escolhido tive possibilidades de ganhar a eleição e Gomes, diante de toda sua trajetória de “heroísmo” e idealismo que representava, devido a sua participação, principalmente, no episódio dos Dezoito do Forte de Copacabana, em 1922, sendo inclusive o único participante daquele movimento que se encontrava vivo, além de ter o apoio da grande maioria de toda a força do ar do Brasil e contar com a simpatia das forças americanas que se encontravam no País, além dos próprios Estados Unidos, era, sem sombra de dúvidas, um grande nome a ser escolhido. Aliás, com o apoio que possuía das forças do ar e das forças armadas estadunidenses, poderia, caso ganhasse, assumir a Presidência sem qualquer perigo de sofrer uma tentativa de golpe, pensando no passado de Vargas. O fato de o Brigadeiro ser católico também era importante, pois como o relatório ressalta, Gomes lutou no passado contra os comunistas, em 1935, sendo muito pouco improvável que o Brigadeiro

fosse contagiado por uma propaganda com base revolucionária, ainda mais pelo partido que concorria a eleição.

Nesse sentido, a escolha de Gomes como candidato à Presidência da República, pela UDN, não foi por acaso, pois era preciso restabelecer a democracia e a UDN surgia como o grande partido de oposição liberal a Vargas, tendo que escolher um candidato ideal, com grandes chances de vitória.

Considerações finais

Nossas análises, sobre as biografias a respeito de Eduardo Gomes, mostram que seus autores construíram narrativas favoráveis a vida de Gomes, sempre colocando-as livres de conflitos e caracterizando a personagem como um “herói”, principalmente após a sua participação no Movimento Tenentista de 1922, denominado Dezoito do Forte de Copacabana. Além disso, os autores das biografias sobre Gomes procuraram enaltecer a sua candidatura à Presidência da República, pela UDN, em 1945, como sendo o único capaz de ganhar as eleições e tornar o Brasil um país puramente democrático.

Observamos, também, que as biografias de Gastão Pereira da Silva e Paulo Pinheiro Chagas foram publicadas em 1945 e 1946, no calor do momento das eleições políticas daqueles anos, funcionando como um aporte panfletário, apoiando a candidatura de Gomes. Fato este, que pode ser mostrado ao averiguarmos a vida de um dos autores das biografias: Chagas, foi um dos fundadores da UDN, partido que Gomes estava concorrendo na época, como candidato à Presidência da República.

A terceira biografia, de autoria de Cosme Degenar Drumond, também, como já dito anteriormente, procura tratar da vida de Gomes de modo positivo. Isso, talvez, pelo autor ser um redator e revisor concursado do Ministério da Aeronáutica, ou seja, era um participante do mesmo meio em que Gomes esteve, em grande parte de sua vida.

No entanto, o que nos chama mais atenção é sobre o motivo da escolha de Gomes, para ser o candidato à Presidência da República, pela UDN, em 1945, já que havia outros indivíduos com mais destaque que ele e com mais experiência no campo político. Contudo, averiguamos, por meio da análise das biografias aqui tratadas, que Gomes tinha uma boa relação com os estadunidenses, situação que não é mostrada em nenhum momento nestes trabalhos, mas que foi crucial para a escolha do Brigadeiro como candidato à Presidência da República, pela UDN. Assim, após examinarmos um documento que tivemos acesso, produzido em 1944, sem autoria, mas que contém informações importantes do jornalista Vitor

do Espírito Santo, concluímos pelos indícios das biografias examinadas, bem como da vida de Gomes e do contexto político em questão, que o escolhido tivesse possibilidades de ganhar a eleição. Então, a trajetória “heroica” de Gomes, por meio de sua participação no Movimento Tenentista de 1922, somada ao apoio que este tinha da maioria da FAB, bem como a simpatia que gozava das forças estadunidenses que estavam no Brasil e seu respectivo Governo, fazia que Gomes fosse o grande nome a ser escolhido para disputar as eleições políticas de 1945, como candidato pelo partido da UDN. Soma-se a isso, o fato de que Gomes, caso ganhasse, ao assumir a Presidência, em torno de uma nova tentativa de golpe por Vargas, poderia ter o apoio das forças do ar e das forças armadas estadunidenses. Ao mesmo tempo, o fato de o Brigadeiro ser católico também era importante, pois, no passado, já havia lutado contra os comunistas, como em 1935, sendo muito pouco improvável que Gomes fosse contagiado por uma propaganda com base revolucionária, ainda mais pelo Partido que concorria a eleição.

Referências

CHAGAS, Paulo Pinheiro. **O brigadeiro da libertação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zelio Valverde S. A., 1946.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil – militar de 1964**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DRUMOND, Cosme Degenar. **O Brigadeiro**. Eduardo Gomes, trajetória de um herói. São Paulo: Cultura, 2011.

ESCRITA. Disponível em: <http://www.escrita.com.br/leitura.asp?Texto_ID=15385>. Acesso em: 05 de out. 2019.

FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil – militar de 1964**. Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FGV. CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gomes-eduardo>>. Acesso em: 11 de maio. 2019

_____. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/paulo_pinheiro_chagas>. Acesso em: 15 de out. 2019.

_____. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lend-lease-act>. Acesso em: 17 de out. de 2019.

NABUCO, Carolina. **A vida de Virgílio de Melo Franco**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1962.

RESERVAER. Disponível em: <www.reservaer.com.br/est-militares/aviao-contestado.html>. Acesso em: 12 de out. 2019.

_____. Disponível em:

<<http://www.reservaer.com.br/vocesabia/texto.php?pSerial=46>>. Acesso em: 17 de out. 2019.

SILVA, Gastão Pereira da. **Brigadeiro Eduardo Gomes**. Rio de Janeiro: Panamericana Ltda, 1945.

STRINGUETTI, Lucas Mateus Vieira de Godoy. O Brigadeiro Eduardo Gomes: uma análise de suas obras biográficas. **História, histórias**, Brasília, v. 4, n. 8, 2016.

Arquivo consultado

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV/CPDOC

Arquivo Getúlio Vargas – Correspondência, nov. 1944.

Recebido em 26 de outubro de 2019

Aprovado em 10 de março de 2020